

# Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt  
Denise Tolfo Silveira  
Organizadoras

**EAD**  
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



# Métodos de Pesquisa



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

Reitor

**Carlos Alexandre Netto**

Vice-Reitor e Pró-Reitor  
de Coordenação Acadêmica

**Rui Vicente Oppermann**

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
A DISTÂNCIA**

Secretário

**Sérgio Roberto Kieling Franco**

Vice-Secretário

**Silvestre Novak**

Comitê Editorial

**Lovois de Andrade Miguel**

**Mara Lucia Fernandes Carneiro**

**Silvestre Novak**

**Sílvio Luiz Souza Cunha**

**Sérgio Roberto Kieling Franco,**  
presidente

**EDITORA DA UFRGS**

Diretora

**Sara Viola Rodrigues**

Conselho Editorial

**Alexandre Santos**

**Ana Lígia Lia de Paula Ramos**

**Carlos Alberto Steil**

**Cornelia Eckert**

**Maria do Rocio Fontoura Teixeira**

**Rejane Maria Ribeiro Teixeira**

**Rosa Nívea Pedroso**

**Sergio Schneider**

**Susana Cardoso**

**Tania Mara Galli Fonseca**

**Valéria N. Oliveira Monaretto**

**Sara Viola Rodrigues,** presidente

# Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt

Denise Tolfo Silveira

Organizadoras

**EAD**  
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

  
**UFRGS**  
EDITORA

  
**SEAD**  
Secretaria de  
Educação a Distância

  
CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA  
**PLANEJAMENTO E GESTÃO  
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

© dos Autores  
1ª edição: 2009  
Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e projeto gráfico: Carla M. Luzzatto  
Revisão: Ignacio Antonio Neis, Sabrina Pereira de Abreu e Rosany Schwarz Rodrigues  
Editoração eletrônica: Luciane Delani

### **Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS**

Coordenador: Luis Alberto Segovia Gonzalez

### **Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural**

Coordenação Acadêmica: Lovois de Andrade Miguel

Coordenação Operacional: Eliane Sanguiné

---

M939 Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

120 p. : il. ; 17,5x25cm

(Série Educação a Distância)

Inclui figuras, quadros e anexos.

Inclui referências.

1. Metodologia da pesquisa científica. 2. Métodos de pesquisa. 3. Pesquisa científica – Elaboração. 4. Projeto de pesquisa – Estruturação. 5. Tecnologia da informação e comunicação – Pesquisa. 6. Ética – Plágio. I. Gerhardt, Tatiana Engel. II. Silveira, Denise Tolfo. III. Universidade Aberta do Brasil. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

CDU 001.891

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0071-8

## NOTAS PARA A ELABORAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO

Tatiana Engel Gerhardt

### A observação participante

É a inserção prolongada do pesquisador em um meio de vida, de trabalho. Defrontamos-nos *em carne e osso* com a realidade que queremos estudar. Devemos observar mais de perto os que a vivem e interagir com eles. Nessa expressão temos observação e participação. Temos então dois tipos de situações que se combinam: o pesquisador é testemunha (estamos na observação) e o pesquisador é co-ator (estamos na interação, na participação).

A observação permite descrever o que vemos, mas também faz emergir questões (que serão exploradas nas entrevistas) sobre o que procuramos compreender das representações, do simbólico, das relações sociais, das interações lógicas, etc. Essas questões não podem ser coletadas como, por exemplo, um conjunto (ou uma amostra) de pedras que reunimos e colocamos numa caixa e enviamos para um laboratório para análise. A compreensão dessas questões (subjetivas) se constrói, não está dada.

Se o conceito de observação comporta muitas coisas em sua definição, o de participação é muito mais evasivo. Seu objetivo é mergulhar na vida de uma comunidade, de um serviço, de um grupo social, etc. Porque estar no ambiente é uma condição necessária para acessar a fontes de informações importantes e diversas, em campos aparentemente distantes do problema estudado, mas que permitem compreender o fenômeno em toda a sua extensão.

***Impregnar-se: Não tiramos um peixe fora da água para ver como ele nada.***

Quando a observação levanta questões, às vezes modifica a problemática inicial.

Assim sendo, como um pesquisador pode “pensar” as boas questões a serem colocadas sobre determinado tema, se ele se contenta com partir de seus próprios pressupostos, de seus próprios quadros de pensamento?

Dessa forma, em visitas sistemáticas aprofundamos, aperfeiçoamos a compreensão das coisas, sabendo que de todo jeito haverá conhecimento a que não teremos acesso (segredos). Uma problemática inicial pode, graças à observação, modificar-se. Ou seja:

***Não partimos para colorir um desenho previamente traçado.***

Partimos com uma problemática que permite fazer um guia de observação, não de observação inocente, mas de observações estruturadas em função do que pesquisamos. Mas cabe ao pesquisador de campo:

- ⇒ observar aquilo para o que não está preparado;
- ⇒ estar em condições de produzir dados que o obrigarão a modificar suas próprias hipóteses.

A pesquisa de campo deve se dar por objetivo desmentir o provérbio bambara:

***O estrangeiro só vê o que já conhece.***

É uma regra básica e uma posição epistemológica: a definição e os limites do objeto não são colocados *a priori*, mas construídos ao longo da pesquisa e submetidos a eventuais reajustes à medida que esta vai evoluindo.

**Os indivíduos para este tipo de abordagem:** são indivíduos não abstraídos de suas condições concretas de existência, de trabalho, etc., diferentemente dos indivíduos pesquisados por amostra e que devem ser representativos de variáveis abstratas e padronizadas.

É importante ter consciência da postura intelectual que está por trás. Para os antropólogos, a construção do objeto de estudo se apoia no ponto de vista êmico; ou seja, que tenta apreender o objeto a partir de categorias pertinentes para o informante. Portanto, todos esses elementos fazem parte do papel do pesquisador (indireto, mas importante), que ajuda a:

- ⇒ avançar dentro de uma problemática;
- ⇒ decodificar fatos e gestos;
- ⇒ aprender certos códigos que ajudarão a passar o mais despercebido possível em seu campo.

Essas questões influenciam o trabalho de campo, como também, inconscientemente, mas eficazmente, a maneira de interpretar os dados relativos à pesquisa. Podemos comparar isso ao aprendizado de uma língua. O domínio que o pesquisador adquire sobre os sistemas de sentido do grupo que ele estuda é obtido, em grande parte, de forma inconsciente, como uma criança que aprende sua língua materna. Portanto, **vá ao barzinho, após o trabalho, com as pessoas que participam de seu trabalho de campo!**

Questionar-se sobre determinado tema não é possível somente fazendo entrevistas com os indivíduos e observando-os trabalhar. É essencial também acompanhar os indivíduos que não estão trabalhando, ou fora de sua hora de trabalho. É nesses momentos que eles dirão coisas importantes e que poderemos vê-los ou ouvi-los, questionando-os diretamente sobre o objeto que nos interessa.

A observação participante é, portanto, uma forma de produção de dados que provém da pesquisa de campo e que pode ser utilizada antes ou depois das entrevistas, e também de forma isolada. Nela o pesquisador é testemunha e co-autor.

**Resumidamente:** A informação coletada a partir de um caso particular (discurso sobre um determinado tema e suas práticas) constitui, na metodologia qualitativa, uma forma particular de um fenômeno que é mais geral, mais amplo. Os casos concretos tomados em sua singularidade não são considerados como representativos, mas exemplares, pois não estamos em uma pesquisa de representatividade no sentido quantitativo. Os casos, os indivíduos, as situações são exemplares, e nesse sentido ilustram fenômenos que reencontramos em outros lugares, em outros grupos. A partir de um único indivíduo, veremos que o menor de nossos atos é sustentado pela cultura. Não procuramos, portanto, estabelecer uma amostra no sentido quantitativo do termo, na medida em que uma realidade ou uma determinada situação não tem necessidade de ser representativa no sentido estrito para ser pertinente qualitativamente. A partir do estudo de qualquer caso individual, podemos então aprender tantas coisas quanto em casos múltiplos.

Na abordagem qualitativa, um informante não pode ser considerado somente representante da cultura estudada, porque os fenômenos observados junto aos sujeitos tomam uma coloração diferente, segundo a história pessoal de cada um. O informante é, ao contrário, uma testemunha e um produto, cujos pensamentos, raciocínios lógicos e práticas remetem às lógicas sociais e a determinados sistemas simbólicos. E é recorrendo a muitos estudos de casos individuais, que se respondem uns aos outros, portanto através da comparação das perspectivas das situações de uns e outros, que medimos a tensão existente entre fenômenos individuais e fenômenos coletivos. O que levantamos são, talvez, situações não constantes, mas ao menos recorrentes, a partir de casos diferentes, onde a análise permitirá fazer aparecer uma unidade.

Em relação à pesquisa quantitativa, **não podemos fazer uma pesquisa quantitativa falar mais do que ela pode dizer**. Podemos propor uma descrição das principais representações que certos atores fazem em relação a determinado problema, nem mais, nem menos, e das práticas que elaboram. Mas não podemos quantificar o que é colocado em evidência.